

Crítica // *Herege* ★★★

Assustador exame da fé

Ricardo Daehn

Um roteiro intrigante para um filme de terror dá base para *Herege*, filme comandado pela dupla Scott Beck e Bryan Woods. Além de lembrados por *A casa do terror* (2019), ambos coescreveram o roteiro de *Um lugar silencioso* (2018), ao lado do astro John Krasinski. Alguns breves tópicos do judaísmo, do cristianismo e ainda do islamismo entram em pauta no filme, a partir do encontro entre o versado Reed (papel de Hugh Grant) e as jovens missionárias irmã Paxton (Chloe East, vista na série *Generation* e no longa *Os Fabelmans*) e irmã Barnes (Sophie Thatcher, atriz do recente *Boogymann: seu medo é real*).

Entre bênçãos e sacrilégios, o discurso de todo o filme é provocativo. Grosso modo, duas moças vacilantes adentram uma casa de estrutura complexa habitada por um maníaco que manipula ideologias e sustenta

profecias e substâncias tóxicas ancorada em acônito e beladona. Acanhadas e predispostas à defesa de preceitos, as moças adentram a insana toca de Reed. Espirituoso e preparado, ele discorre sobre a cultura da conversão e cita de Voltaire à dificuldade (atual) da propagação religiosa.

O que sustenta o filme, com imagens asquerosas (em momentos), é uma dinâmica de jogo de tabuleiro. Por vezes, as moças “avançam casas”; noutras, retrocedem. A partir de perguntas com potencial de desconforto, transparecem as camadas de sadismo de Reed (Grant, em excelente forma). Demover a fé parece um dos propósitos dele, à medida em que avança no ataque (indireto) ao poder de conforto das orações, reduzidas a mero instrumento de consolo.

Aos poucos, o protagonista injeta nas jovens conceitos perniciosos. Numa

Documentário embalado por ritmos

Isabella Wagner*

Na semana da celebração do Dia da Consciência Negra será lançado o documentário *Razões africanas*, de Jefferson Mello. A obra discute os paralelos de três ritmos musicais: jungo, rumba e blues; passando por questões históricas e culturais.

Razões africanas narra a história de três personagens,

a brasileira Lazir Sinval, a cubana Eva Despaigne e o norte americano Terry ‘Harmonica’ Bean. Cada um deles representa um estilo musical. A história leva o telespectador a visitar Angola, Congo e Mali para descobrir a origem histórica desses gêneros musicais. O depoimento dos personagens se interliga com música, imagens do cotidiano e também comentários de pesquisadores especialistas.

O diretor Jefferson Mello classifica *Razões africanas* como uma superprodução documental. “Entre

DIAMOND FILMS/ DIVULGAÇÃO

Cena do filme de terror *Herege*, em que duas irmãs são manipuladas por um maníaco

atmosfera sufocante, o duelo mental estipula limites entre materiais de origem (matrizes) e derivados, numa ótica torta estendida para temas de fé. Gráfico, num crescente, o horror se estabelecerá no porão do casarão. O filme entra nos

trilhos, dado o potencial e a esperteza do revide das jovens. Junto com o terror psicológico, *Herege* tem momentos de deboche. Os melhores dizem respeito às partidas de Monopólio (jogo que desbancou Elizabeth Magie, a criadora do simular

jogo The landlord’s game — fonte criativa apropriada por Monopólio) e ainda às das redes de plágio cultural — quando entram as teorias dos acordos de *The air that I breathe* (do The Hollies), *Creep* (do Radiohead) e *Get free* (de Lana Del Rey).

DIVULGAÇÃO/ANA CLAUDIA GOMES

Documentário *Razões africanas* chega aos cinemas na semana da Consciência Negra

pesquisa, desenvolver o roteiro e filmagens, foram muitas idas e vindas em cada um dos seis países que aparecem no filme. Por

conta disso, contamos com equipes locais com produtores, cinegrafistas, guias e tradutores, tudo para conseguir mostrar cada cultura

com a maior riqueza de detalhes”, avalia.

*Estagiária sob a supervisão de José Carlos Vieira